

ARTIGO

# O CIBERJORNALISMO ENCONTRA A UNIVERSIDADE:

## ideias para melhorar o ensino e a pesquisa<sup>1</sup>

Copyright © 2011  
SBPJor / Sociedade  
Brasileira de Pesquisa  
em Jornalismo

RAMÓN SALAVERRÍA  
*Universidade de Navarra, Espanha*

**RESUMO** Durante a última década, o ensino do, e a pesquisa em ciberjornalismo se tornaram difundidos pelas faculdades de jornalismo no mundo inteiro. Este desenvolvimento fez surgir muitos cursos de graduação e pós-graduação sobre esse assunto, além de um número de redes de pesquisadores e de publicações especializadas em muitos países. Quando este processo inicial acabar, estará na hora de levar a disciplina do ciberjornalismo para a sua maturidade na universidade. Para alcançar tal objetivo, o autor propõe a substituição do modelo atual de treinamento, que basicamente ensina a manejar as ferramentas digitais, por outro modelo mais amplo, que ensina os princípios e as habilidades em um ambiente *on-line*. Com relação à pesquisa, ele sugere não limitá-la aos estudos descritivos, e desenvolver também trabalhos mais analíticos que possam servir melhor tanto à comunidade acadêmica como aos profissionais dos cibermeios.

**Palavras-chave:** Ciberjornalismo. Universidade. Pesquisa. Educação.

## 1 INTRODUÇÃO

A história do ensino do, e a pesquisa em jornalismo na universidade é relativamente breve. Não se pode comparar, de maneira alguma, com aquela de outras disciplinas cujas origens podem ser acompanhadas a partir da Idade Média. Recentemente a primeira escola universitária de jornalismo celebrou seu centenário. Em 2008, a Escola de Jornalismo de Missouri chegou de fato ao primeiro centenário desde a sua fundação em 1908 no povoado de Colúmbia, Estado de Missouri, nos EUA. Algumas pessoas defendem que a primeira escola universitária de jornalismo na Europa poderia remontar um pouco mais ainda: aparentemente, a Escola Superior de Jornalismo em Paris vem formando jornalistas desde 1899. De qualquer maneira, a história dos estudos universitários de jornalismo é breve, e isto explica por que estes estudos atualmente ainda estão passando por um processo de definição e implantação. De fato, não são poucos os profissionais da mídia que

continuam a questionar atualmente a necessidade destes estudos.

Neste contexto de imaturidade na universidade, o jornalismo testemunhou nas duas últimas décadas o uso de uma nova variante: o ciberjornalismo. Desde meados da década de 1960, as redes digitais vêm hospedando a chegada de novas mídias com suas próprias características. Estas novas mídias têm aspectos distintivos com relação aos seus predecessores análogos: desfrutam de possibilidades mais variadas em termos de gráfica e comunicação, usam ferramentas e dispositivos específicos, têm seus próprios ciclos de produção, estabelecem relacionamentos diferentes com as suas audiências. Em suma, nasceu uma nova mídia que, com relação à universidade, requer novas formas de ser pesquisada e, sobretudo, exige uma renovação do conteúdo de ensino e até das técnicas de ensino.

Conscientes desta necessidade, as faculdades de jornalismo no mundo inteiro lançaram recentemente processos de renovação dos seus programas de treinamento. Deram-se conta de que o jornalismo nas redes digitais requer um tipo próprio de pesquisa e treinamento que permita cultivar novos conhecimentos e habilidades entre os futuros jornalistas. Sem renunciar aos fundamentais imutáveis do jornalismo, esta variante nova obrigou os professores a explorar novas possibilidades linguísticas, acompanhar as tecnologias em evolução constante, identificar perfis profissionais e processos editoriais renovados e, ultimamente, levar em consideração os paradigmas práticos e teóricos que têm sido modificados desde suas próprias raízes. Em suma, é o maior desafio que o ensino do, e a pesquisa em jornalismo têm enfrentado desde sua chegada há um século na universidade.

E qual foi a reação? Poderia ser resumida com uma palavra: tímida.

Quinze anos após o surgimento da primeira publicação digital, o ciberjornalismo ainda está passando por um processo de afirmação dentro do quadro dos estudos universitários. Atualmente, as faculdades de jornalismo ainda não conseguem consolidar um currículo homogêneo de matérias obrigatórias nas quais os fenômenos e processos das mídias digitais sejam estudados especificamente. No campo da pesquisa, as primeiras metodologias para o estudo dos cibermeios (PALACIOS & DÍAZ NOCI, 2009) estão apenas começando a se desenvolver. De fato, nestes anos todos não conseguimos chegar a um consenso mínimo quanto à terminologia para designar a nossa disciplina; a diversidade é fortíssima: “jornalismo *on-line*”, “jornalismo digital”, “jornalismo eletrônico”, “jornalismo na Internet”, “jornalismo multimídia”, “*web-jornalismo*”, “ciberjornalismo”<sup>2</sup>.

Talvez esta heterogeneidade resulte do fato de que, durante

estes primeiros anos de desenvolvimento, a pesquisa em e o ensino do ciberjornalismo foram liderados por doutorandos e professores subalternos, sem muita influência nas suas faculdades e nos seus departamentos respectivos. Embora tenha havido algumas exceções, a maioria dos chefes de departamento e dos professores sêniores não se interessaram por esta disciplina emergente até datas bem mais recentes. De fato, um fenômeno parecido com aquele que aconteceu nas redações das mídias já aconteceu nas universidades. Nos dois lugares, o pessoal sênior normalmente olhava com suspeita a nova versão digital do jornalismo. Tal como muitos jornalistas experientes desdenhavam – e alguns ainda o fazem – o jornalismo na Internet, muitos professores consagrados o desprezavam – e alguns ainda o fazem. Tanto uns e outros não eram capazes de observar o enorme poder perturbador das tecnologias digitais sobre os modelos clássicos da profissão jornalística. E por causa desta miopia, o estudo e o treinamento do ciberjornalismo têm evoluído lentamente até agora.

Há bastante tempo que sabemos que as mídias são lentas na sua adaptação à tecnologia. Infelizmente temos aprendido nestes últimos anos que as faculdades de jornalismo são lentas na sua adaptação às mídias. Isto leva a uma combinação duplamente errada entre a exigência da indústria das mídias e o treinamento oferecido na universidade. As mídias procuram profissionais que estejam à sua frente, e longe disso, recebem recém-formados que de maneira alguma estão na vanguarda tecnológica, e que entram na sua profissão com um déficit de treinamento que os deixam atrás até das próprias mídias. A maioria das escolas está treinando atualmente jornalistas antiquados: treinam jovens formados que não atendem às necessidades das empresas midiáticas para a sua reestruturação urgente no contexto digital.

Naturalmente, a questão que poderá surgir é se for uma responsabilidade das escolas de jornalismo acompanhar a última engenhoca no mercado, ou a versão mais recente de tal e qual programa de computador. Esta urgência provavelmente não é possível nem mesmo desejável. A universidade não é (apenas) uma escola de habilidades técnicas, mas (principalmente) uma instituição para o pensamento e o treinamento intelectual em uma variedade de disciplinas. *O formado na universidade não deveria ser apenas alguém que saiba fazer alguma coisa, mas alguém que saiba refletir sobre o que sabe fazer, e que saiba inovar também.*

E creio que aqui está o grande desafio pendente para as faculdades de jornalismo. Já que as mídias digitais alcançaram uma relevância indiscutível, com um futuro lá na frente em que em tudo o digital há de se tornar cada vez mais importante, é preciso treinar

profissionais que sejam criativos e capazes de inovar. Não é tanto uma questão de fornecer aos alunos uma qualificação instrumental avançada, como uma questão de desenvolver dentro deles um juízo sensato a fim de conseguir produtos editoriais inovadores e de qualidade, aproveitando ao máximo o enorme potencial de comunicação destas tecnologias.

Isto é a tarefa que os professores e pesquisadores do ciberjornalismo enfrentam. E mesmo se for timidamente, é inegável que nos últimos anos houve avanços.

## **2 O perfil descritivo do ciberjornalismo na universidade**

### **2.1 O ensino do ciberjornalismo**

No mundo inteiro, eram excepcionais aquelas escolas de jornalismo que, na década de 1990, lançaram cursos de ciberjornalismo como uma reação imediata à chegada das primeiras mídias na Internet. É verdade que até então já havia algumas faculdades que ofereciam cursos que tratavam de questões que estavam mais ou menos relacionadas com o ciberjornalismo. Várias faculdades europeias ofereciam, por exemplo, matérias como a Tecnologia da Informação<sup>3</sup>, cujo programa de estudos normalmente reservava algum espaço para “as novas tecnologias digitais no jornalismo”. Outros cursos também eram oferecidos, como a Documentação Jornalística, o Jornalismo de Precisão, ou até mesmo a Reportagem Assistida pelo Computador, em que os alunos eram treinados para pesquisar e analisar as informações com o apoio de bancos de dados. Entretanto, o ensino dos aspectos editoriais dos cibermeios, suas novas linguagens e sua dinâmica da produção era uma exceção nos currículos de treinamento das faculdades, e continuou basicamente assim até o início do século 21. De fato, até meados da primeira década do século, Santiago Tejedor podia – na sua radiografia do estado do ensino do ciberjornalismo na Espanha – ainda encontrar uma variação grande “das universidades que não incluem uma só matéria que trate da questão, para aquelas em que há várias matérias relacionadas” (TEJEDOR CALVO, 2007, p. 34). Esta situação se reproduziu também em outros países (ROJANO, 2006; SALAVERRÍA, 2008; YEZERSKA, 2008; TERZIS, 2009; BASTOS, 2010).

A implantação do ciberjornalismo na educação universitária tem sido então relativamente atrasada e irregular. No entanto, ela teve recentemente um impulso substancial (MACHADO, 2007; SALAVERRÍA & BARRERA, 2009; CANAVILHAS, 2011; TEJEDOR CALVO *et al.*, 2011). Na Europa, um dos fatores que levou à abertura de muitos cursos específicos sobre o jornalismo na Internet foi a implantação da Área

Europeia de Educação Superior (EHEA), conhecida mais popularmente como o Processo Bologna. Este processo, lançado em 1999 e terminado pelos países da União Europeia uma década depois, levou a uma convergência dos estudos universitários em todos estes países, através de um plano geral para a reforma dos currículos e o reconhecimento das qualificações em uma escala continental. Estas mudanças afetaram cada um dos estudos universitários. Porém com relação ao jornalismo, a obrigação legal de reformar os currículos se tornou uma oportunidade de atualizar o conteúdo do ensino. Muitas universidades aproveitaram esta oportunidade para lançar, dentro dos seus estudos de graduação, matérias sobre o ciberjornalismo, com este nome ou outros nomes semelhantes. Como resultado, em 2011 quase todas as faculdades europeias de jornalismo já incluem cursos especializados sobre as mídias digitais, muitas vezes obrigatórios.

Esta incursão do ciberjornalismo nos estudos de graduação foi precedida nos anos anteriores por uma oferta significativa de cursos de pós-graduação relacionados com esta disciplina. Um exame da oferta atual destes cursos mostra uma grande abundância daqueles programas em países como o Reino Unido<sup>4</sup>, França<sup>5</sup>, Alemanha<sup>6</sup>, Itália<sup>7</sup> ou Espanha<sup>8</sup>. Em todo caso, nenhum destes cursos de pós-graduação remonta à década de 1990; os mais antigos foram lançados depois do início do século 21.

## **2.2 Pesquisa em ciberjornalismo**

Se as faculdades de jornalismo demoraram muito tempo para colocarem o ensino universitário de ciberjornalismo no mesmo nível de outras especializações de mídia, se pode dizer a mesma coisa com relação à pesquisa. No início do jornalismo na Internet, poucos pesquisadores se interessavam em estudar o novo fenômeno. Entretanto, esta falta de interesse inicial, bastante notória até o fim da década de 1990, evoluiu durante a última década na direção de uma atenção crescente (MITCHELSTEIN & BOCZKOWSKI, 2009; MASIP & MICÓ-SANZ, 2010). De fato, recentemente uma grande parte das reuniões acadêmicas e das publicações de pesquisa na nossa disciplina se dedica a estudar o impacto das tecnologias digitais na comunicação. Devido a estes foros para o intercâmbio internacional de experiências de pesquisa, além da atração significativa que o ciberjornalismo tem para os doutorandos, a nossa disciplina de pesquisa vem avançando rapidamente nos anos recentes.

Na Europa, se percebem muitos indicadores desta força crescente. Para começar, vale a pena observar o estabelecimento de numerosos institutos, laboratórios, observatórios e grupos de pesquisa,

mais ou menos estáveis, que recentemente vêm realizando estudos de mídia digital. Há muitos destes centros no continente inteiro; por exemplo, no Reino Unido<sup>9</sup>, Suíça<sup>10</sup>, Itália<sup>11</sup>, Portugal<sup>12</sup> e Espanha<sup>13</sup>.

Outro indicador é a criação de associações e redes de pesquisadores, focalizando o estudo da mídia digital. Por enquanto, não há associações de pesquisadores acadêmicos dedicadas especificamente ao ciberjornalismo. Entretanto, várias organizações acadêmicas internacionais grandes têm divisões, capítulos ou seções que focalizam este assunto. É o caso, por exemplo, da Associação Europeia de Pesquisa e Educação em Comunicação (ECREA), a principal organização europeia de pesquisadores em comunicação, que inclui uma seção que trata da Cultura e Comunicação Digital: a seção de Estudos do Jornalismo, embora lide com outras áreas também, atrai muitos pesquisadores especializados em ciberjornalismo. No âmbito mundial, uma organização como a Associação Internacional de Pesquisa em Mídia e Comunicação (IAMCR) inclui uma seção que lida com Pesquisa e Educação em Jornalismo onde as questões relacionadas com os cibermeios são tratadas regularmente, e tem ainda uma força tarefa que focaliza especificamente a Divisão Digital. Também a Associação Internacional de Comunicação (ICA) tem duas divisões onde as questões relacionadas com o ciberjornalismo são estudadas: a Divisão de Comunicação e Tecnologia e a Divisão de Estudos de Jornalismo. Além destas organizações acadêmicas, existem outras de natureza profissional – como a Associação Americana de Notícias Online (ONA) e a MediosOn espanhola – que ocasionalmente estimulam a publicação de monografias e pesquisas de mercado referentes ao setor das mídias digitais.

Sem alcançar o nível de associações acadêmicas permanentes, mais uma manifestação do vigor da pesquisa em ciberjornalismo têm sido as redes de pesquisadores internacionais neste assunto. Na Europa, o exemplo mais proeminente foi o projeto COST-A20 “O Impacto da Internet nas mídias de massa na Europa” ([http://www.cost.esf.org/domains\\_actions/is/Actions/A20](http://www.cost.esf.org/domains_actions/is/Actions/A20)) – que, financiado pela Fundação Europeia da Ciência, coordenou mais de cem pesquisadores de vinte e três países entre 2001 e 2006. Além das redes europeias, houve outras que coordenaram pesquisadores ibero-americanos dos dois lados do Atlântico; por exemplo, a Rede ICOD, que promoveu o relatório *Habilidades Profissionais da Comunicação Digital e Desafios Acadêmicos* (2006), ou a rede “O Jornalismo na Internet: um estudo comparativo dos cibermeios Espanha-Brasil” (2007-2008) organizada pelo Programa Espanhol-Brasileiro de Cooperação Inter-Universitária.

Ou com cobertura de uma destas redes, ou independentemente,

inúmeras conferências, fóruns e reuniões acadêmicas sobre ciberjornalismo foram realizadas nos últimos anos. No nível mundial, talvez o mais famoso seja o Simpósio Internacional em Ciberjornalismo (ISOJ – <http://online.journalism.utexas.edu/>) organizado anualmente pela Universidade de Texas, em Austin, desde 1999. De uma natureza mais profissional, a conferência anual da Associação de Notícias Online (ONA) se destaca também. No nível nacional, deve-se mencionar, entre as conferências mais veteranas, a Conferência sobre o Jornalismo Digital (<http://www.congresoperiodismo.com>), realizada sem interrupções desde 2000. Outros fóruns, como a Conferência “O Futuro do Jornalismo”, realizada bienalmente, (2007, 2009, 2011) na Universidade de Cardiff, País de Gales, e alguns outros congressos na França<sup>14</sup>, Espanha<sup>15</sup> e Portugal<sup>16</sup> também alcançaram certo *status*.

Outro indicador do vigor da pesquisa em comunicação digital em geral, e em ciberjornalismo em particular, é a proliferação de revistas especializadas no assunto. Entre as mais diretamente relacionadas com o campo do ciberjornalismo, talvez a mais proeminente seja a revista britânica *New Media & Society*, editada por SAGE Publications desde 1999. Outras revistas acadêmicas onde a pesquisa em ciberjornalismo tem sido favorecida com um papel especialmente importante são *Convergence: The International Journal of Research into New Media* (SAGE Publications), *Television & New Media*, *NMEDIAC: The Journal of New Media and Culture*, *eJournalist* e *Journal of e-Media Studies*, australianas, cuja publicação parou em 2009. Embora não focalizando principalmente o estudo de ciberjornalismo, outras revistas com áreas de pesquisa estreitamente ligadas são *International Journal of Digital Multimedia Broadcasting*, *International Journal of Internet Science*, *International Journal of Mobile Communications* e, especialmente, *Journal of Computer-Mediated Communication*, a revista com o maior fator de impacto entre todos aqueles que estudam fenômenos relacionados com a comunicação digital. Além destas publicações acadêmicas tradicionais, vale mencionar outras que são difundidas exclusivamente no formato digital, como *First Monday* e *Online Journalism Review*. Esta última é publicada pela Annenberg School for Communication & Journalism na Universidade de Southern California, embora nos últimos anos a publicação tenha se tornado de natureza mais profissional do que acadêmica.

### **3 Os desafios pendentes para os estudos universitários de ciberjornalismo**

Tendo já descrito brevemente o nível de desenvolvimento alcançado pelos estudos de jornalismo em uma escala internacional

e, mais particularmente, na Europa, está na hora de fazer um balanço das suas conquistas e dos seus defeitos. Já vimos que as universidades avançaram muito recentemente na sua exploração do fenómeno de ciberjornalismo. Sem dúvida, estas são boas notícias. Porém, restam ainda grandes desafios a serem resolvidos. Fazemos referência aos aspectos qualitativos em vez de quantitativos; elementos não visando principalmente quanto e onde, e sim que, como e por quê. Uma vez que na última década o espaço para o ensino de e a pesquisa em ciberjornalismo se abriu definitivamente nas universidades, está na hora de repensar os objetivos, conteúdos e métodos.

### **3.1 O ensino de ciberjornalismo: do treinamento instrumental ao treinamento abrangente**

Há mais de dez anos, na ocasião da I Conferência de Jornalismo Digital em Huesca, observei uma tendência dupla e divergente no ensino universitário de ciberjornalismo, ainda em embrião. Lá apontei para o surgimento de dois modelos; por um lado, “o treinamento dos jornalistas para as novas mídias digitais”, e por outro lado, “o treinamento dos jornalistas para a era digital”. Descrevi o primeiro modelo como um tipo de ensino técnico, visando apenas o “treinamento instrumental”; pelo contrário, o segundo modelo, sem descartar o treinamento instrumental dos futuros jornalistas, tinha como a sua meta principal “integrar o uso dos recursos digitais como inerentes à prática jornalística” (SALAVERRÍA, 2000). Uma década depois, acredito que esta divergência de modelos é ainda comum nas salas de aula, que está levando a um treinamento inadequado e antiquado. Naturalmente, é preciso treinar os alunos no uso de plataformas, ferramentas e dispositivos digitais. Porém, realizar esta tarefa de treinamento técnico é apenas meio caminho andado em termos de treinamento; na realidade, é o trecho menos importante daquele caminho.

É bem conhecido que todas as tecnologias evoluem. No caso das tecnologias digitais, esta evolução ocorre com uma velocidade vertiginosa. Então, restringir o treinamento dos alunos de jornalismo a um processo que os tornem familiarizados com estas tecnologias é uma tarefa que na certa vai se mostrar irrelevante dentro de pouco tempo. Aqueles professores de ciberjornalismo que ensinam apenas o uso de um determinado programa de computador, de uma determinada plataforma interativa ou de um determinado dispositivo técnico estão oferecendo um treinamento que está destinado a uma obsolescência rápida e, por isso, à irrelevância.

Para corrigir este problema, a ideia muito difundida de que o ciberjornalismo é uma disciplina *tecnológica* deve ser banida de vez. Ou, em



qualquer caso, é tão tecnológico como o jornalismo no rádio, na televisão ou na mídia impressa. É de fato necessário, ao ensinar estas variantes tradicionais da mídia aos alunos, treiná-los no uso de determinadas tecnologias específicas. Entretanto, todos os professores reconhecem que, ao ensinarem estas modalidades clássicas do jornalismo, além de treinar os alunos no uso de determinadas ferramentas, é essencial treiná-los de maneira que façam o melhor uso profissional de cada modalidade. Desde esta perspectiva, ensinar como usar as tecnologias é visto como secundário, na busca da meta principal: que o aluno aprenda a praticar um jornalismo de qualidade em qualquer mídia, inclusive a digital.

Então, está na hora dos professores entenderem que, para ensinar o ciberjornalismo, não basta mostrar como funcionam as tecnologias usadas nesta disciplina (LE CAM & TRÉDAN, 2008; ESTIENNE & VANDAMME, 2010). Pelo contrário, é importantíssimo explorar as possibilidades comunicativas das suas linguagens, conhecer as várias formas de interação, e adquirir hábitos éticos visando à produção das informações com responsabilidade e qualidade. Em suma, nem mais nem menos que em qualquer outra mídia.

Mas, como conseguir isto? Como podem os professores de ciberjornalismo transmitir aos seus alunos conhecimentos profissionais que ainda estão sendo definidos? Há um método eficaz: parar de ensinar as ferramentas e começar a ensinar *com* as ferramentas.

Já afirmamos que um treinamento abrangente em ciberjornalismo deve necessariamente incluir o treinamento tecnológico. Porém este treinamento não deve se tornar uma meta em si. Por isso, se os professores usarem estas tecnologias para transmitir conhecimentos e cultivar os hábitos desejados entre os seus alunos, aqueles estarão alcançando todos os objetivos de uma só vez.

Ao ensinar as várias matérias relacionadas com as mídias digitais - sua história, seus modelos de publicação, os elementos básicos dos gêneros de multimídia, os direitos autorais das obras digitais, o *web design* - é conveniente que o professor aproveite ativamente as tecnologias digitais como uma ferramenta de ensino. Sejam usadas em conferências ou em práticas de laboratório, as tecnologias digitais abrem uma grande faixa de possibilidades educacionais para os professores, porque uma boa parte das tecnologias e linguagens usadas nas redações das mídias digitais são as mesmas que podem ser usadas na sala de aulas. Se os professores de ciberjornalismo exibirem perante os seus alunos um manejo natural das tecnologias digitais na sua atividade de ensino, os alunos não vão apenas adquirir conhecimentos da matéria específica, mas também serão

impregnados com aquele uso cotidiano de tecnologias, para mais tarde transferi-lo para o seu futuro profissional. Os professores de ciberjornalismo devem ensinar como fazer uso criativo da tecnologia e para fazê-lo, não há maneira melhor do que eles mesmos fazerem uso criativo dela. Por isso, cada professor desta disciplina deveria enriquecer suas atividades ordinárias de ensino com o uso constante e público das plataformas digitais como os *blogs*, as páginas da *web*, os *microblogs* especializados em jornalismo... A questão é, ao todo, ensinar pelo próprio exemplo.

Outra maneira de envolver ativamente os alunos na aprendizagem do ciberjornalismo é lançar práticas reais de laboratório. No passado, fazer práticas reais de laboratório em jornalismo da rádio, da televisão ou da imprensa era custoso demais. Precisava-se de infraestruturas caras, como redações, máquinas impressoras, estúdios de rádio e de televisão... Todas estas infraestruturas proibitivas não têm utilidade alguma no ciberjornalismo. No nível da universidade, qualquer um pode produzir e publicar conteúdo jornalístico nas redes digitais com uma infraestrutura mínima e quase nenhum custo. Consequentemente, os professores desta disciplina deveriam considerar a obrigação de aproveitar este tipo de plataformas nos seus cursos.

### **3.2 A pesquisa em ciberjornalismo: daqueles que descrevem para aqueles que prescrevem**

Graças à novidade relativa das mídias digitais, e também devido sem dúvida ao fato de que ficam facilmente acessíveis para a pesquisa, o estudo dos cibermeios despertou nos últimos anos grande interesse entre os acadêmicos do jornalismo. Basta com certeza passar revista aos trabalhos apresentados nas conferências acadêmicas recentes sobre o jornalismo para confirmar a popularidade enorme da pesquisa em mídia digital. Na conferência realizada na Espanha em julho de 2011 pela Secção de Estudos do Jornalismo da ECREA, que reuniu pesquisadores de vinte e cinco países, não menos de trinta e sete dos oitenta e três trabalhos aceitos focalizaram o estudo das mídias digitais. É evidente que os pesquisadores em jornalismo se interessam muito pelo assunto, porém como estão pesquisando nele?

A análise daqueles mesmos trinta e sete trabalhos apresentados na Conferência da ECREA nos dá uma pista clara: prevalece a pesquisa puramente empírica e descritiva. Esta é uma tendência que pode ser encontrada em quase todos os fóruns acadêmicos em ciberjornalismo. Pode se argumentar com razão que esta prioridade total pelo empírico e o descritivo não é uma tendência que afete exclusivamente os

estudos dos cibermeios; de fato, afeta toda a pesquisa universitária. Entretanto, parece mesmo mais preocupante em uma matéria jovem como o ciberjornalismo, ainda órfão de robustos fundamentos teóricos e conceitos consolidados.

A pesquisa atual em mídia digital está cheia de descrições do pequenininho, do anedótico, do efêmero... Em suma, o irrelevante. Em contraste, há apenas uns poucos autores que levantam os olhos e ousam dar conta do geral, do profundo ou do permanente. Os exemplos são analisados, porém sem propor paradigmas. Os casos são examinados, porém sem definir conceitos.

Esta tendência dos estudos acadêmicos sobre o ciberjornalismo dificulta a sua amplitude e utilidade. Em primeiro lugar, devido a algo tão óbvio como sua obsolescência rápida: com uma frequência alarmante, os estudos descritivos do ciberjornalismo são publicados muito depois da mudança ou do desaparecimento da Internet do seu objeto de estudo. Qual é a utilidade de um estudo descritivo sobre algo que não existe mais? Qual é a vantagem disso para a profissão jornalística ou para a própria academia? Vamos enfrentar a verdade: nenhuma.

Esta abordagem descritiva se mostra particularmente insuficiente neste estágio germinal da disciplina: quando quase tudo ainda não foi descoberto, é imprevidente se limitar a ver apenas o que já existe. Naturalmente, é bom descrever as modalidades relacionadas com as mídias e os usos profissionais dos cibermeios atuais. No entanto, a pesquisa em ciberjornalismo não deveria parar aqui; os professores deveriam tentar abrir novos campos. A profissão do jornalismo exige da universidade a inovação, a criatividade, a capacidade de fazer propostas. E nós, professores, estamos fornecendo no lugar dessas coisas uma pesquisa que é previsível, antiquada e, em suma, inútil.

Naturalmente, não estamos falando de banir a pesquisa empírica nas mídias digitais. É bom registrar para o futuro como estavam as mídias digitais em determinada época. Entretanto, a pesquisa em ciberjornalismo não pode parar aí. Seria desejável para esta disciplina jovem, que os pesquisadores, ao desenhar seu currículo, levassem em conta ideias como estas: a) não apenas puro empirismo, mas também trabalhos visando à proposição de modelos teóricos; b) não apenas simples descrições de casos, mas também trabalhos mais analíticos sobre fenômenos complexos; e c) não apenas estudos em um determinado ponto no tema, mas também a pesquisa diacrônica que permite a detecção e avaliação de tendências.

Outra fraqueza maior da atual pesquisa em ciberjornalismo cuja

superação seria sensata é o seu “jornal-centrismo” marcado. A que nos referimos com este termo? Dar a prioridade à pesquisa que analisa a edição digital de jornais, em detrimento de outros tipos de cibermeios. Em muitos mercados jornalísticos, as edições *on-line* de jornais são certamente os cibermeios mais desenvolvidos e aqueles que conseguem as maiores audiências. No entanto, essas peculiaridades não justificam o desequilíbrio enorme que pode ser observado com relação ao estudo de outras modalidades relacionadas com as mídias, como os cibermeios hospedados por empresas emissoras de rádio ou televisão ou, mais ainda, as mídias digitais nativas. Parece que os acadêmicos que pesquisam em *web-jornalismo* perpetuaram a hierarquia que existia antes da chegada da Internet. De fato, na época anterior à Internet os estudos de jornais prevaleciam. Atualmente esta preferência foi transferida para os estudos de jornais digitais. Os pesquisadores mudaram a sua plataforma, porém continuam com os mesmos padrões de pensamento.

Estudar os cibermeios com base nas classificações tradicionais da mídia é uma forma de redução. Não faz sentido classificar as mídias digitais como “diárias”, uma vez que não estão sujeitas àquela – ou a qualquer outra – periodicidade. Além disso, não usam nem a linguagem gráfica-textual das mídias impressas, nem a linguagem audiovisual da rádio e da televisão; em seus poucos anos de vida, os cibermeios já começaram a desenvolver sua própria linguagem multimídia. Esta especificidade chega mesmo aos gêneros jornalísticos; surgem novas modalidades, como a infográfica interativa, conteúdo que pode ser personalizado de bancos de dados ou de reportagens multimídia ao vivo, que são especificamente de cibermeios. De fato, os processos muito gerais de acessar, desenvolver e difundir informações já acarretam aspectos que são específicos do ciberjornalismo, e que distinguem esses processos das suas contrapartidas dentro da esfera das mídias anteriores.

Não faz sentido, em suma, perpetuar a estrutura mediática clássica no estudo do ciberjornalismo. Na pesquisa em cibermeios, já chegou a hora de considerá-los em sua própria natureza, independente da suas mídias mães.

Para concluir, farei referência a algumas outras medidas que, em minha opinião, vão contribuir para fortalecer esta disciplina emergente da pesquisa acadêmica em ciberjornalismo.

A primeira destas medidas trata dos procedimentos para a divulgação dos resultados. Na capacidade de pesquisadores, deveríamos lembrar que os destinatários dos nossos estudos nesta área não são apenas os nossos colegas na comunidade acadêmica. A comunidade

profissional espera dos pesquisadores pistas e referências sólidas que ajudem a tomar ações estratégicas na direção da orientação correta das novas mídias. Na prática isto significa que nós, professores não podemos apenas divulgar os nossos resultados através das revistas acadêmicas. Estas publicações, especialmente aquelas que facilitam a divulgação de conteúdo no domínio público, são naturalmente plataformas necessárias e prioritárias para a divulgação das nossas pesquisas. Seus sistemas de verificação são orientados para assegurar a confiabilidade indispensável dos resultados. Mas isto não basta. Temos que fazer um esforço para divulgar e transferir, com a devida pressa, esses mesmos resultados para a comunidade profissional, através de formatos e plataformas convenientes.

Neste sentido, a Internet nos oferece recursos utilíssimos e também sem custo. Todos os pesquisadores – especialmente aqueles que estudam as mídias digitais – deveriam aproveitar as plataformas de *blog* e *microblog* para divulgar as nossas contribuições e realizar uma análise contínua das tendências no nosso campo. Um pesquisador em ciberjornalismo não pode dar as costas às numerosas plataformas digitais de difusão: redes sociais acadêmicas, repositórios *on-line* de domínio público, plataformas para a publicação de textos e apresentações... Não é nenhuma coincidência que algumas das figuras mais influentes em uma escala internacional no campo do ciberjornalismo, acima mesmo dos próprios profissionais, são exatamente alguns professores universitários que mantêm uma atividade intensa nestas plataformas digitais.

Atualmente, tão importante como a própria pesquisa, é fazer um esforço para divulgar os resultados desta pesquisa. De fato, é apenas um ato de justiça: retribuir à sociedade com resultados que possam contribuir para o seu progresso. É de esperar que nos próximos anos o ensino e a pesquisa acadêmica em jornalismo contribuam para o progresso da disciplina.

### **Agradecimento**

Este trabalho foi escrito com a ajuda do projeto de pesquisa “A evolução dos cibermeios espanhóis no quadro da convergência – a integração da multiplataforma e do jornalismo” (Ref.: CSO2009-13713-C05) financiado pelo Ministério da Ciência e Inovação da Espanha.

### **| NOTAS**

- 1 Trabalho apresentado no 9º Encontro da SBPJor, “Jornalismo e Mídias Digitais”, Rio de Janeiro, Brasil, 3-5 de novembro de 2011.

- 2 Em inglês, a expressão mais comum é “*online journalism*”. Pelo contrário, em espanhol e português, muitos professores universitários escolheram o termo “ciberjornalismo”.
- 3 Na Espanha, no ano letivo de 1994-95, a Escola de Comunicação na Universidade de Navarra (Pamplona) foi pioneira na implantação de um curso inteiramente dedicado ao ciberjornalismo, sob a denominação de Tecnologia da Informação.
- 4 Entre outros, os seguintes programas de pós-graduação deveriam ser mencionados: Mestrado em Ciência (MSc) e Mestrado em Letras (MA) em Publicação Eletrônica, além do MA em Jornalismo Interativo na Universidade Municipal de Londres; MA em Ciberjornalismo na Universidade Municipal de Birmingham; MA em Jornalismo (Impresso e Online) na Universidade de Westminster; MA em Jornalismo Multimídia na Universidade de Bournemouth; MA em Jornalismo Multimídia na Universidade de Sussex; MA em Jornalismo na Web na Universidade de Sheffield; MA em Ciberjornalismo na Goldsmiths, Universidade de Londres.
- 5 Podem ser encontrados cursos como os seguintes: Master Professionnel Journalisme – CELSA Paris-Sorbonne; Journalisme (Presse Écrite, Radio, Télévision, Internet à Paris), École Française de Journalisme (EFJ); Master en Journalisme et Médias Numériques, Sup de Pub - Grande École de Communication et de Marketing du Groupe INSEEC; Executive Master Management des médias et du numérique – Sciences Po, Paris – École du Journalisme.
- 6 Alguns exemplos: Bacharelado em Ciberjornalismo, Universidade de Ciências Aplicadas de Darmstadt; Mídia Digital – Faculdade de Engenharia Elétrica e de Informação na Universidade de Ciências Aplicadas de Ulm; Bacharelado e Mestrado em Estudos de Multimídia, Universidade de Ciências Aplicadas de Augsburg; Multimídia e Comunicação na Universidade de Ciências Aplicadas de Ansbach; Bacharelado e Mestrado em Produção Multimídia na Universidade de Ciências Aplicadas de Kiel.
- 7 Além de cursos profissionais em organizações não universitárias, como Corso de Giornalismo Digitale de La Accademia Telematica Europea, nas universidades italianas se pode estudar em alguns programas de pós-graduação, como os seguintes: Mestrado em Giornalismo a stampa radiotelevisiva e multimediale, Università Cattolica del Sacro Cuore, Milano; Mestrado em Produzione Multimediale, Università per Stranieri di Perugia; Laurea Magistrale em Cinema, televisione e produzione multimediale, Università de Bologna.

- 8 Na Espanha, entre outros, os seguintes programas de pós-graduação são oferecidos: Máster em Periodismo Digital, Universidad de Alcalá; Programa de posgrado de Comunicación Cross-Media: Estrategias y Producción de Contenidos Informativos y de Ficción, Universidad Pompeu Fabra, Barcelona; Máster Universitario em Comunicación Multimedia, Universidad CEU San Pablo, Madrid; Máster em Comunicación Multimedia, Universidad del País Vasco; Máster em Periodismo Digital y Redes Sociales, Universidad Europea de Madrid; Máster em Periodismo Digital, Universitat Oberta de Catalunya (UOC); Máster em Periodismo y Comunicación Digital Online, Instituto Universitario de Posgrado (IUP).
- 9 Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo, University of Oxford.
- 10 Osservatorio europeo de giornalismo / European Journalism Observatory (EJO), Università della Svizzera Italiana, Lugano.
- 11 Osservatorio sulla Comunicazione, Università Cattolica del Sacro Cuore.
- 12 Observatório do Ciberjornalismo (ObCiber), Universidade do Porto; Laboratório de Comunicação Online (LabCom), Universidade da Beira Interior.
- 13 Laboratorio de Comunicación Multimedia (MMLab), Universidad de Navarra; Grupo Novos Medios, Universidad de Santiago de Compostela; Labcom, Universidad de Málaga; Grupo Cibermeios, Universidad Pompeu Fabra; El Grupo de Investigación UCM-OPEI (Observatorio de Periodismo en Internet), Universidad Complutense de Madrid; Observatorio de Investigación em Medios Digitales (OIMED), Universidad CEU Cardenal Herrera; LABÁPART, Universidad Carlos III de Madrid.
- 14 Journées d'étude "Journalisme Numérique", École Supérieure de Journalisme de Lille.
- 15 Congreso Internacional "Los Medios de Comunicación en Internet" (1996-1998), Universidad de Navarra; Congreso Internacional de Ciberperiodismo (2003-2006), Universidad Antonio de Nebrija; Congreso de Periodismo en Red (2006-), Universidad Complutense de Madrid; Congreso Internacional sobre Ciberperiodismo e Web 2.0 (2009-), Universidad del País Vasco; Congreso Andaluz de Periodismo Digital (2009-), organizado pela Associação de Periodistas Digitales de Andalucía (APDA) na Universidad Internacional de Andalucía.
- 16 Congresso Internacional de Ciberjornalismo (2009-2010), Universidade do Porto.

## I BIBLIOGRAFIA

BASTOS, H. **Origens e evolução do Ciberjornalismo em Portugal. Os primeiros quinze anos (1995-2010)**. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

CANAVILHAS, J. Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. In QUADROS, C., CAETANO, K. & LARANGEIRA, A. (eds.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã: Livros LabCom, 2011. p. 13-20.

ESTIENNE, Y.; VANDAMME, E. (In) culture numérique: l'école du journalisme de demain. In **Les Cahiers du Journalisme**, p. 156-175, Autumn, 2010.

LE CAM, F.; TRÉDAN, O. Journalisme et web: quels outils de formation? In **Mediámorphoses**, 24, p. 105-112, 2008.

MACHADO, E. O ensino de jornalismo em tempos de ciberespaço. In MACHADO, E. & PALACIOS, M. (eds.). **O Ensino de Jornalismo em Redes de Alta Velocidade. Metodologias e Softwares**. Salvador: Edufa, 2007.

MASIP, P. & MICÓ-SANZ, J.L. Investigación sobre ciberperiodismo en España. Trayecto hacia la consolidación. **El Profesional de la Información**, vol. 19, n. 6, p. 577-584, 2010.

MITCHELSTEIN, E. & BOCZKOWSKI, P. J. Between tradition and change: A review of recent research on online news production. **Journalism** 10, p. 562-586, 2009.

PALACIOS, M. & DÍAZ NOCI, J. **Online journalism research methods. A multidisciplinary approach in comparative perspective**. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2009.

ROJANO, M. (coord.) **Diez años de periodismo digital en Venezuela 1996-2006**. Caracas: Publicaciones UCAB, 2006.

SALAVERRÍA, R. Criterios para la formación de periodistas en la era digital. Ponencia presentada en **I Congreso Nacional de Periodismo Digital**. Huesca, 14-15 January 2000. Disponível em <<http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/crite.htm>>.

\_\_\_\_\_. La enseñanza del ciberperiodismo en España: tendencias, resultados y perspectivas. In LÓPEZ GARCÍA, G. (ed.). **Comunicación local y nuevos formatos periodísticos en Internet: cibermedios, confidenciales y weblogs**. Valencia: Servei de Publicacions de la Universitat de València, 2008. p. 15-34.

SALAVERRÍA, R. & BARRERA, C. The Spanish Journalism Education Landscape. In TERZIS, G. (ed.). **European Journalism Education**. Bristol (UK), Chicago (USA): Intellect, 2009. p. 319-330.

TEJEDOR CALVO, S. **La enseñanza del ciberperiodismo**. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2007.

TEJEDOR CALVO, S.; SILVA CORPUS, R. & ESQUIVEL LOZANO, F. La formación del ciberperiodista 2.0. In QUADROS, C., CAETANO, K. & LARANGEIRA, A. (eds.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã: Livros LabCom, 2011. p. 21-42.



TERZIS, G. **European Journalism Education**. Bristol (UK), Chicago (USA): Intellect, 2009.

YEZERS'KA, L. **Ciberperiodismo en Peru. Análisis de los diarios digitales**. Lima: Editorial San Marcos, 2008.

**Ramón Salaverría** (PhD) é Diretor do Departamento de Projetos de Jornalismo na Universidade de Navarra (Pamplona, Espanha), onde ensina a técnica do jornalismo desde os anos 90. Ele é Presidente da Secção de Estudos do Jornalismo na Associação Europeia de Pesquisa e Educação em Comunicação (ECREA). Como representante desta Associação, é também membro do Conselho Mundial de Educação em Jornalismo. Liderou vários projetos de pesquisa em ciberjornalismo, focalizando a convergência das mídias, a redação das notícias *on-line* e as novas tendências nas mídias.  
E-mail: rsalaver@unav.es